

AÇÃO DIFUSORA: O PATRIMÔNIO CULTURAL E AMBIENTAL REGIONAL POR MEIO DO “ARQUEÓLOGO POR UM DIA”

*Neli Galarce Machado¹
Natalia Devitte²
Patrícia Schneider³
Marcos Rogério Kreutz⁴*

RESUMO

O conhecimento sobre o período pré-colonial e colonial regional, construído no ambiente acadêmico é foco do projeto “Arqueólogo por um dia”. A ação difusora objetiva partilhar com seu público-alvo, estudantes da Educação Básica, a temática da história regional a partir do conhecimento arqueológico. O fio condutor desse texto será a análise do projeto com base nos referenciais categorizados: Educação e aprendizagens, Educação Ambiental e Educação Patrimonial. Por meio da ação e sua abordagem, pretende-se instigar a construção de conceitos como de cidadania, sustentabilidade e preservação patrimonial e ambiental. A aferição de resultados no âmbito da construção desses conceitos e da noção de pertencimento ao ambiente natural e cultural é de difícil mensuração, no entanto é possível averiguar resultados satisfatórios na difusão do conhecimento, pelos números atingidos, pela busca constante por sua aplicação ao longo dos anos e pela familiarização da comunidade, em relação a arqueologia. E a avaliação do projeto em si enquanto ação difusora, é positiva, pois cumpre o papel de aproximação com a comunidade regional e a disseminação do conhecimento histórico local.

PALAVRAS-CHAVE: Ação educativa, arqueologia, educação básica, história, patrimônio.

RESUMEN

El conocimiento sobre el período precolonial y colonial regional, construido en el ambiente

¹ Arqueóloga e professora do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES. E-mail: ngalarce@univates.br.

² Graduada em História pela UNIVATES.

³ Historiadora e coordenadora do Centro de Memória da UNIVATES. E-mail: centrodememoria@univates.br.

⁴ Historiador e bolsista PNPd/CAPES do Programa de Pós-graduação em Ensino da UNIVATES E-mail: mrk@universo.univates.br.

académico es el foco del proyecto "Arqueólogo por un día". La acción difusora tiene como objetivo compartir con su público-alvo, estudiantes de Educación Básica, la temática de la historia regional a partir del conocimiento arqueológico. El hilo conductor de ese texto será el análisis del proyecto basado en los referenciales categorizados: Educación y aprendizajes, Educación Ambiental y Educación Patrimonial. Por medio de la acción y su abordaje, se pretende incitar la construcción de conceptos como los de ciudadanía, sustentabilidad y preservación patrimonial y ambiental. La apreciación de los resultados en el ámbito de la construcción de esos conceptos y de la noción de pertenecimiento al ambiente natural y cultural es de difícil mensuración, sin embargo es posible averiguar resultados satisfactorios en la difusión del conocimiento, a causa de los números atingidos, de la busca constante por su aplicación a lo largo de los años y también debido a la familiaridad de la comunidad, en relación a la arqueología. Y además la evaluación del proyecto en sí como acción difusora, es positiva, ya que cumple el papel de aproximación con la comunidad regional y la disseminación del conocimiento histórico local.

PALABRAS CLAVES: Acción educativa, arqueología, educación básica, historia, patrimonio.

ABSTRACT

Knowledge about the precolonial and colonial regional period built in the academic environment, is the focus of the "Archaeologist for a Day" project. The diffusion action aims to share with its target audience, students of Basic Education, the theme of regional history based on archaeological knowledge. The guiding thread of this text will be the analysis of the project based on the categorized referents: Education and learning, Environmental Education and Heritage Education. Through the action and its approach, it is intended to instigate the construction of concepts such as citizenship, sustainability and patrimonial and environmental preservation. The measurement of results in the construction of these concepts and the notion of belonging to the natural and cultural environment is difficult to measure, however it is possible to ascertain satisfactory results in the diffusion of knowledge, by the numbers reached, by the constant search for its application over the years and by the familiarization of the community in relation to archaeology. The evaluation of the project itself as a diffusing action is positive, since it fulfills the role of approximation with the regional community and the dissemination of local historical knowledge.

KEYWORDS: Educational action, archaeology, basic education, history, heritage.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, percebe-se que há um afastamento social para com os bens patrimoniais, ambientais e culturais por parte da comunidade e dos indivíduos envolvidos com a educação regional. Neste sentido, os processos de aprendizagens voltados ao entendimento e reconhecimento do patrimônio auxiliam na assimilação dos bens patrimoniais em suas variadas instâncias, possibilitando visões que vão além do patrimônio estático, físico e financeiro.

Dessa forma, a Educação Patrimonial é um instrumento para construção da cidadania. Trata-se de uma prática pedagógica em que o professor desempenha um papel ativo para construção do conhecimento e aprendizagem (CASTRO, 2017). É importante conhecer e compreender a história do mundo e das pessoas de diferentes contextos e culturas que desenvolveram ideias, instituições e formas de vida diferentes, permitindo, assim, melhor compreender a diversidade e conseqüentemente tornar os cidadãos mais tolerantes (ROBRAHN-GONZÁLES, 2006). A Educação Patrimonial pode proporcionar essa transformação.

As ciências, de um modo geral, podem contribuir para a preservação do patrimônio. A Arqueologia, por exemplo, proporciona, a partir das diversas evidências materiais deixadas pelo homem ao longo dos tempos, que se compreenda as suas mudanças culturais, bem como as interferências no ambiente, contribuindo, assim, para a conservação do Patrimônio Arqueológico e Ambiental.

Considerando o cenário atual em que se desenvolve o campo da Arqueologia, identificam-se aspectos potenciais e limites no que tange à preservação do Patrimônio Arqueológico. Os limites também estão expostos em duas questões cruciais: a produção científica na área de História Regional e a socialização das informações geradas a partir das atividades arqueológicas.

Para o caso exposto, coloca-se em discussão uma iniciativa de origem acadêmica nos campos da Arqueologia e da Educação – o projeto institucional denominado “Arqueólogo por um dia”, elaborado e aplicado pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UNIVATES, o qual é oferecido às escolas da rede pública e privada de municípios do Estado do Rio Grande do Sul, tendo como principal área de atuação a região conhecida como Vale do Taquari. A experiência de realização desse projeto que congrega as modalidades de pesquisa e extensão tem demonstrado resultados satisfatórios no que diz

respeito às principais discussões dos campos do Patrimônio Arqueológico e Ambiental.

O fio condutor deste texto será a análise da ação com base nos referenciais categorizados: Educação e aprendizagens, Educação Ambiental e Educação Patrimonial. Percorreu-se o caminho baseado no método analítico e reflexivo, já que se trata de uma abordagem conceitual e temática. O eixo de discussão é a trajetória da ação educativa e o processo de reconhecimento por parte da comunidade, assegurando, como de fato ocorre, um maior conhecimento e, conseqüentemente, os cuidados para o patrimônio regional.

A compreensão de conceitos pertencentes ao campo do patrimônio, tais como de cidadania, sustentabilidade e diversidade cultural e natural, perpassam a reflexão sobre como construímos historicamente as relações entre homem e ambiente. Por isso, a presente narrativa pretende estabelecer um diálogo teórico inicial com as áreas das Ciências Humanas e das Ciências da Natureza de modo a pontuar as relações presentes entre os principais objetos de estudo desses campos de conhecimento e a sua relação com as propostas e ações do projeto de educação patrimonial em discussão.

EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Do ponto de vista das mudanças epistemológicas presentes na formulação dos campos de conhecimento, sabe-se que hoje as pesquisas científicas nas Ciências Humanas e Ambientais têm elaborado teorias mais abertas quanto à forma de pensar as relações entre sociedade e natureza.

Na passagem do século XIX para o século XX, o pensamento social privilegiou a dominância do determinismo geográfico e biológico, não acompanhando as mudanças epistemológicas pelas quais passavam as ciências naturais. Para além disso, o enfoque culturalista ganhou força entre os cientistas sociais. Por outro lado, na década de 1980, surgiu uma tendência avessa ao cartesianismo que renegava a separação do homem com o ambiente e revisava conceitos ambientais decorrentes da crise de paradigma impulsionada pelos principais problemas do fim do século. Em outras palavras, por muito tempo os sistemas sociais e os sistemas naturais permaneceram isolados na escrita da história humana e do ambiente, predominando a divisão rígida entre sociedade e natureza (PÁDUA, 2010).

A expansão holística da ciência não esteve presente apenas nas ciências naturais.

No final do século XX, disciplinas como História, Antropologia, Arqueologia e Sociologia readequaram-se a essa tendência acadêmica, preocupando-se com as relações entre o homem e o ambiente, as transformações ambientais, as dinâmicas e consequências não apenas naturais. Muitos eventos políticos e econômicos foram definidos por ordenações ecológicas (DEAN, 1996). Por isso hoje estas áreas, incluindo a Educação Patrimonial e Ambiental, têm procurado dentro de seus campos de atuação reforçar a inseparável relação existente entre homem e ambiente a partir de várias óticas, como do ponto de vista material, cultural, da transformação das paisagens e da patrimonialização dessa relação.

A ciência arqueológica também contribui diretamente para a compreensão da história humana e de suas relações com a natureza. Os projetos de pesquisa científicos e acadêmicos nesse âmbito têm auxiliado na realização de ações educativas voltadas à compreensão de conceitos essenciais à esfera patrimonial. Como ilustração, pode-se citar o estudo de um sítio arqueológico a partir de seus vestígios materiais, que permitem elucidar questões acerca das relações socioambientais dos grupos humanos e da importância do patrimônio arqueológico à história da humanidade. Contudo, o estudo das interações entre o homem e o ambiente na Arqueologia ainda não é utilizado com a efetividade necessária.

É neste sentido que Pacheco (2010) entende que é fundamental a união de ações educativas, como a Educação Patrimonial e Ambiental, como meio de universalizar a comunicação entre os saberes, incluindo o conhecimento arqueológico. Conforme indica a autora (2010, p. 17) a conjugação destas ferramentas envolve “[...] processos permanentes e sistemáticos de trabalho educacional, centrados no patrimônio cultural e ambiental”. Portanto, é sobre essa premissa que o projeto de Educação Patrimonial em debate se assenta. Para tanto, é necessário acessar os conceitos da Educação Ambiental e da Educação Patrimonial.

Segundo Pacheco (2010), a Educação Patrimonial é uma proposta interdisciplinar de ensino preocupada com a temática do patrimônio cultural. De caráter educativo, utiliza os lugares e os suportes da memória como meio para sensibilizar e conscientizar os estudantes e comunidades para a importância da conservação de bens culturais. No caso da atuação integrada com a disciplina arqueológica, a Educação Patrimonial focaliza-se em torno da observação e da manipulação de vestígios da cultura material que permitem a aproximação com o conhecimento e a valorização cultural.

A Educação Ambiental é uma condição para o exercício da cidadania, conforme indica Pacheco (2010). No contexto de algumas definições, a autora entende que a

Educação Ambiental possui como características a participação, a ação, a interdisciplinaridade e está voltada para a resolução de problemas locais e mundiais. Envolve a leitura crítica da realidade e está orientada para a transformação de atitudes e valores por meio da construção de novos hábitos e de conhecimento. Assim, entende-se que as Ciências Naturais e Humanas, por meio da Educação Ambiental e Patrimonial, congregam o ambiente, a história, a transformação do ser humano e de seu patrimônio, elementos necessários para a construção de uma visão crítica e transformadora da realidade vivenciada.

No campo do patrimônio, o fim do século XX também trouxe significativas mudanças. Conceitos como patrimônio cultural, natural, paisagístico, arqueológico, sustentabilidade, entre outros, foram incorporados à noção de patrimônio com a intenção de criar um vínculo entre os cidadãos e o meio.

Choay (2001) problematiza a noção de patrimônio difundida na sociedade, sinalizando sua ligação com o patrimônio histórico arquitetônico. Para este autor, existe uma forte vinculação entre a história local materializada na forma de “monumento” e a manutenção das disposições que reforçam construções históricas erigidas pelos grupos sociais dominantes. Apesar disso, percebe-se a procura de atividades que elevem a importância do patrimônio cultural na vida cotidiana, sobretudo em instituições escolares. O principal desafio consiste na sensibilização para o sentido do patrimônio, desvinculando-o da associação recorrente ao bem privado.

O arqueólogo português Jorge (2000) reforça o exposto ao afirmar que o patrimônio tem relação com a identidade e valores não-materiais, simbólicos, e principalmente com a memória dos indivíduos e dos grupos. Por muito tempo, o sentido de patrimônio esteve restrito a percepções concretas e econômicas, dificultando a identificação e interação do indivíduo com seu meio socioambiental.

A realização de programas permanentes de Educação Patrimonial, Ambiental e de ações educativas vinculadas às comunidades consiste em um meio de aproximar a sociedade do patrimônio. A aproximação dos saberes acadêmicos com os saberes populares é um aspecto pensado por Magozo (2005) como forma de construir uma nova subjetividade favorável à mudança. Em outra perspectiva, Delgado e Oliveira (2008), baseando-se em Etges (1995), acreditam que, em âmbito educativo, a interdisciplinaridade é fundamental como meio de aproximar os diferentes conhecimentos. Possibilita a associação dos saberes acadêmicos dos professores e de diferentes abordagens dos

conteúdos com as experiências sociais dos estudantes.

UMA AÇÃO EDUCATIVA NO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL

O Projeto de Extensão “Arqueólogo por um dia” atende especialmente educandários situados na região política Vale do Taquari, localizada no centro-leste do Rio Grande do Sul. Porém, as atividades do projeto foram realizadas em outros municípios do estado.

A região Vale do Taquari, distante em média 150 km de Porto Alegre, é formada por 36 municípios e abrange uma área de 4.821,1 km². Conforme o Censo Demográfico 2010, a população era composta por 327.822 habitantes (BDR, 2011).

Em termos históricos, no Vale do Taquari, o desenvolvimento urbano teve suas origens durante o processo de imigração europeia no século XIX. O processo imigratório, principalmente quando do estabelecimento nas novas áreas, requeria uma construção nova e radical da paisagem encontrada, não havendo, portanto, espaço para o reconhecimento das variáveis patrimoniais e ambientais presentes anteriormente no âmbito natural ou humano. Disto resultou uma mentalidade que acredita nas forças do progresso sem o suporte das apropriações ambientais produzidas por outras sociedades. Em outras palavras, o uso irracional dos recursos ambientais acentuou a busca pelo desenvolvimento constante ignorando a natureza e as sociedades nativas e levou, em termos culturais, a uma distorção do entendimento sobre as influências dos modos de vida oriundos da Europa, África e até mesmo das sociedades que estavam anteriormente na América.

Em consequência do processo apresentado, a economia regional encontra-se num sistema de consumo irrefreável dos recursos naturais. Diante deste panorama, a abordagem patrimonial exercida pelo projeto conhecido como “Arqueólogo por um dia” visa auxiliar, por intermédio do conhecimento sobre o Patrimônio Cultural e Ambiental da região, a reflexão sobre ordens sustentáveis de desenvolvimento.

Com atuação na esfera escolar, o projeto dialoga sobre as apropriações ambientais e culturais das sociedades europeias, representadas pelos imigrantes açorianos, germânicos e italianos; grupos africanos, os quais aportaram na região ainda na condição de escravizados, e especialmente sobre as sociedades antecedentes, conhecidas como sociedades pré-coloniais indígenas.

A partir do ano 2000, as pesquisas acadêmicas, tanto na Arqueologia quanto na História, em função da criação de Cursos de Graduação e Pós-Graduação em instituições de Ensino Superior, avançam por todo o território do Vale do Taquari. A divulgação dos primeiros resultados das pesquisas arqueológicas, especialmente oriundos do período pré-colonial, começavam a ocorrer de modo mais frequente e intenso nas instituições de ensino da região. Um movimento de divulgação na imprensa regional já chamava a atenção para novas abordagens sobre o passado, e a Arqueologia tornou-se uma novidade na região.

Em consequência, a busca pelas escolas, por informações sobre a história indígena regional e a história de períodos mais recentes, ascendeu consideravelmente. Esse contexto evidenciou um interesse crescente dos profissionais de educação sobre a história pré e pós-colonial e, sobretudo, em novas abordagens sobre as etnicidades a partir da ótica do Patrimônio Cultural e Natural do Vale do Taquari.

DESLIZANDO SOBRE O PROJETO – UMA AÇÃO CONCRETA

O projeto “Arqueólogo por um dia” atende escolas das redes públicas e privadas e é direcionado especialmente a estudantes do Ensino Fundamental. O projeto também é aplicado ao Ensino Médio ou até mesmo em universidades, porém com métodos didáticos adaptados, cuja atividade tem um caráter mais expositivo com a apresentação geral dos resultados da pesquisa relacionada a essa ação.

A execução do projeto é de iniciativa das escolas interessadas em receber a equipe do “Arqueólogo por um dia”. Ocorre durante dois turnos ao longo de um dia, normalmente a partir das oito horas da manhã até as dezesseis horas da tarde. A visita é previamente agendada e realizada na data marcada. Neste primeiro acordo, são estabelecidos alguns pré-requisitos necessários para o funcionamento da atividade na escola, tais como a aquisição e fornecimento, por parte da escola, de materiais (cola branca, argila para modelar, jornal velho e pequenos potes cerâmicos). O educandário deve disponibilizar uma área de terreno limpa de aproximadamente cinquenta metros quadrados para uma das atividades práticas.

De caráter gratuito, o projeto responsabiliza-se pelo deslocamento da equipe desde a instituição promotora, UNIVATES, até os educandários, e por parte do equipamento que é utilizado durante as atividades, como notebook, datashow, pincéis, espátulas, barbantes, trenas, piquetes, amostra do material arqueológico dos sítios regionais, GPS, carta

topográfica e máquina fotográfica.

A ação, dividida em dois momentos, tem como ponto de partida a realização de um encontro com a turma, no qual os monitores, normalmente graduandos do curso de História e bolsistas de extensão da instituição universitária, propõem uma conversa diretamente com os estudantes acompanhados pelo professor(a) que convidou a equipe. Este momento é denominado “oficina dialogada”, uma vez que se trata de um tempo em que são apresentados os temas em foco da ação, bem como a diversidade de repertórios que possibilita entender os interstícios dos processos de produção do conhecimento científico sobre a História e a Arqueologia. São abordadas as fases do povoamento regional, pré e pós-contato. O conhecimento base para as exposições dos monitores são os dados resultantes das pesquisas científicas na área da Arqueologia.

Um dos principais objetivos da ação é desconstruir a imagem que o campo midiático e cinematográfico criou sobre a figura do arqueólogo. Por isso, os monitores destacam aspectos de filmes *hollywoodianos* que adotam como figura principal um arqueólogo que normalmente é representado como um aventureiro caçador de tesouros. Nesse quesito, na maioria das escolas participantes até hoje, os estudantes demonstram conhecimento das cenas dos filmes e muitas vezes indicam outras fontes de informações midiáticas onde um “arqueólogo/caçador de tesouro” é o personagem principal, como jogos eletrônicos e novelas semanais.

Nesse ínterim, os assuntos transcorrem a partir de uma sequência de imagens apresentadas no formato de *slides* em projeção de datashow, que figura como um guia dos temas em foco. Parte-se do pressuposto de que a construção do discurso organizado nessa ação educativa vai além dos temas interdisciplinares abordados.

A maioria dos professores que convoca a ação solicita para turmas de quinto ano do Ensino Fundamental, indicando que ela usualmente está relacionada ao momento em que o conteúdo abordado em sala de aula é a pré-história brasileira. Desse modo, os estudantes estão familiarizados e atualizados sobre o tema, o que permite que a “oficina dialogada” seja uma roda de conversa para a troca de conhecimento. Obviamente, há situações em que o professor da disciplina de História está desatualizado e/ou tem poucas informações sobre a temática. Diante disso, nos últimos anos, sentiu-se a necessidade de produzir e disponibilizar uma publicação dedicada a este assunto, e que seja um suporte pedagógico para auxiliar os professores na ação educativa e na continuidade do estudo em sala de aula. A publicação refere-se ao livro “Desvendando o passado através da arqueologia”,

lançado no ano de 2010 e produzido pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UNIVATES, vinculado ao projeto de extensão “Arqueólogo por um dia” e à pesquisa acadêmica, com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Um ponto fundamental a ser destacado a respeito das oficinas dialogadas é o posicionamento dos estudantes diante das informações apresentadas. Isso porque, grande parte dos alunos, normalmente pertencentes à faixa etária entre dez e doze anos, estão em contínuo processo de formação de suas opiniões, as quais estão, muitas vezes, repletas de influências culturais familiares.

No que tange ao Patrimônio Cultural, especificamente o da região, esta é uma característica importante de se considerar, pois auxilia no exercício da alteridade, na (des)construção de conceitos e no conhecimento de suas origens e da diversidade cultural existente. Os principais questionamentos apresentados pelos estudantes estão relacionados ao modo como as sociedades antigas sobreviviam, como por exemplo, em estruturas subterrâneas do planalto, as relações entre imigrantes no século XIX e tópicos como o trabalho, o progresso econômico e as mudanças na paisagem natural, o que reflete alguns dos temas abordados no seio familiar dos alunos. Nesse sentido, considera-se que o panorama apresentado permite elucidar os dados e informações a partir da pesquisa desenvolvida pelo Laboratório de Arqueologia, da exposição de imagens, de reconstituições arqueológicas e arquitetônicas e de estudos a partir de documentação histórica.

A segunda parte da ação educativa está reservada para a atividade de caráter prático na qual os estudantes comumente apresentam maior expectativa e são mais participativos. Com a projeção de *slides*, são apresentadas algumas imagens sobre as vasilhas cerâmicas produzidas por indígenas da etnia Guarani, procedentes de sítios arqueológicos pré-coloniais da região. A partir da apresentação do modo de produção da cerâmica, os estudantes envolvem-se na tentativa de fabricação de uma vasilha com o manuseio de argila e a aplicação da mesma técnica Guarani – o acordelado. Trata-se de um momento de concentração e de reflexão sobre a arte oleira. Essa atividade tem como intenção discutir os significados simbólicos dos vestígios arqueológicos e a capacidade de transformação da natureza a partir do uso do pensamento, como também a resolução de problemas concretos no interior de sistemas culturais diferentes do nosso.

A etapa seguinte envolve a prática de “escavação arqueológica”. Os estudantes recebem um *kit* de materiais contendo espátula, pá, balde, prancheta, caneta e fichas para

o registro das peças encontradas. Este momento figura como o de maior envolvimento dos estudantes no “mundo do arqueólogo”, visto que participam desde a demarcação da área de escavação, com a formação de quadrículas, até o processo de aplicação da “decapagem” ou raspagem no solo para a identificação das peças – pequenos potes cerâmicos quebrados – que foram previamente enterradas pelos monitores no local.

Esse momento é importante em virtude de que os estudantes intensificam os questionamentos e comentários de ordem técnica e teórica na medida em que estão escavando. Geralmente, suas falas estão associadas à percepção da importância de conhecer o passado por meio de “cacos”. Ao passo que um grupo de estudantes escava a área delimitada, outro grupo é orientado a conhecer os instrumentos de precisão e georeferenciamento a partir da leitura em GPS, de cartas topográficas da região e de imagens de satélite apresentadas pelos monitores no notebook.

A continuidade das atividades prevê o estudo laboratorial do arqueólogo, momento em que os alunos e professores dirigem-se para o “laboratório”, o qual é disponibilizado previamente pela escola, sendo em muitos casos em uma sala de aula. Esta é a fase na qual os estudantes são conduzidos a realizar a análise laboratorial do arqueólogo, realizando atividades vinculadas à numeração, remontagem e restauração dos fragmentos prospectados durante a escavação, e são orientados para o uso de equipamentos utilizados em laboratório, como o bordômetro para o desenho de reconstituição das vasilhas.

Por fim, é sugerida aos professores e aos estudantes a realização de um relatório com a descrição das atividades ocorridas durante o dia de “arqueólogo” e a representação pictórica do croqui elaborado em ficha durante a escavação. É solicitado que as escolas encaminhem uma cópia desses relatos para a equipe do projeto. Como registro, os relatórios contribuem para avaliar os aspectos positivos e negativos do projeto como um todo durante a ação educativa.

Outras questões tornam-se frequentes entre os estudantes, como a remuneração do profissional da Arqueologia; o reconhecimento da profissão no Brasil; as formas de reconstituição dos fragmentos; os meios de saber a data de cada material escavado e por que a necessidade de observação da composição, coloração e textura do solo na área arqueológica. Também é frequente o relato de estudantes que já encontraram ou conhecem algum familiar que encontrou materiais arqueológicos em propriedades particulares, como pontas de projéteis, fragmentos de vasilhas cerâmicas e machados indígenas.

A oficina é uma possibilidade que favorece o encontro entre a aplicabilidade do discurso científico e a exploração de temas importantes para a estimulação do pertencimento à sua própria história regional e brasileira. Além disso, é um meio de reconhecimento das áreas arqueológicas perante a comunidade escolar. Dessa forma, abordar as faces do Patrimônio Cultural a partir de suportes educacionais no contexto escolar torna-se imperativo, uma vez que potencializa a pluralidade de interpretações sobre a diversidade regional. Um viés fundamental da oficina e do projeto é o seu caráter problematizador, visto que instiga a reflexão e a necessidade de atitudes acerca da consciência de preservação patrimonial e ambiental que se apresenta, em termos concretos, incipiente e carente de políticas públicas na região do Vale do Taquari.

FACES DO PROJETO “ARQUEÓLOGO POR UM DIA”

O projeto em destaque concebe o patrimônio em um sentido amplo. Mais que um conhecimento do passado, as práticas que envolvem o patrimônio permitem conhecer aspectos da realidade e construir elementos que compõem a realidade a partir de uma leitura histórica. Nesse sentido, Bloch (2001, p. 8) procura pensar as relações existentes entre o presente e o passado, quando afirma que “[...] nenhum objeto tem movimento na sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem, e são as questões que condicionam os objetos e não o oposto”. Esse é um preceito que orienta a realização do projeto “Arqueólogo por um dia”.

Sendo o projeto uma ação que objetiva a identificação dos indivíduos com sua comunidade por meio da história cultural e ambiental e das percepções da memória histórica, leva-se em conta a definição apresentada por Horta, Grundberg e Monteiro (1999, p. 4) na qual “[...] a educação patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”.

Assim, a trajetória percorrida pelo projeto desde sua criação no ano 2001, passando por sua institucionalização em 2006, permite avaliar a consistência e impacto de sua realização. Observa-se que o projeto tem adquirido uma dimensão educativa de extrema importância para os estabelecimentos escolares. Isto se manifesta na intensa demanda de procura pela aplicação, fato que decorre da divulgação do projeto pelos setores de comunicação da UNIVATES, dos meios de comunicação regionais, da divulgação entre

professores, do reconhecimento da qualidade das oficinas e da inexistência de outras ações institucionais voltadas ao campo do Patrimônio Cultural.

A interação entre a Educação Patrimonial e a Arqueologia também é relevante no percurso de desenvolvimento do projeto. A Arqueologia procura reduzir o distanciamento criado entre as sociedades indígenas e demais grupos sociais ao elaborar uma interpretação mais relativa e menos etnocêntrica do passado regional indígena que representa um vasto lapso temporal de ocupação humana no território. A Educação Patrimonial, por outro lado, apresenta e problematiza os discursos criados, privilegiando a diversidade cultural como pertencente ao Patrimônio Histórico e Cultural brasileiro. Nessa esfera, o projeto se insere ao considerar todos os grupos humanos – pretéritos, presentes ou passados – na construção do mundo sociocultural.

A experiência apreendida a partir da realização do projeto “Arqueólogo por um dia” mostra a dificuldade de encontrar uma definição universal a respeito do conceito de Educação Patrimonial, sobretudo em virtude da complexidade que apresenta em seu campo prático de aplicação. Pode-se perceber a mesma situação para a Educação Ambiental. O estudo do patrimônio, sendo material ou até mesmo imaterial, histórico ou natural/ambiental, pode ser combinado com vários tipos de saberes, sejam familiares, escolares, comunitários, científicos ou técnicos. Sabe-se, porém, que é indiscutível a importância desses campos de conhecimento na formação de indivíduos preocupados com sua consciência identitária e com os problemas mundiais.

A Arqueologia, a Educação Ambiental e a Educação Patrimonial têm em comum a conexão entre as disciplinas dentro de seus campos de atuação, isto é, a interdisciplinaridade. Em termos científicos, estas abordagens unem-se à procura de um diálogo entre si e, no âmbito escolar, tornam-se fundamentais na medida em que permitem uma leitura mais ampla e complexa das questões, de problemas e saberes que envolvem suas áreas. Pacheco (2010) salienta que é necessário um trabalho conjunto destas três áreas. Para a autora, as temáticas relacionadas à Arqueologia devem ser apresentadas sob o prisma da Educação Patrimonial e da Educação Ambiental, uma vez que os vestígios arqueológicos são produtos da apropriação dos recursos naturais pelos grupos culturais pretéritos. Dessa forma, estas práticas desenvolvidas em conjunto possibilitam uma leitura crítica da realidade e de sua ação social por meio de um processo participativo e subjetivo.

No caso do projeto apresentado, as atividades estão orientadas a buscar ações interdisciplinares, tendo em vista o caráter multidisciplinar da pesquisa arqueológica

desenvolvida na região. Os dados produzidos, somados às atuações da Educação Patrimonial e Ambiental, são o resultado de investigações que buscam nos saberes da História, da Geografia, das Ciências Biológicas, da Geologia, da Matemática, da Antropologia, entre outras, o embasamento necessário para o desenvolvimento de pesquisas e de ações educativas sólidas no contexto regional.

Para o contexto educativo, Augusto et al. (2004) associam a interdisciplinaridade à elaboração de uma visão global do mundo e com a tentativa de abordar os temas como um todo e com as disciplinas que o compõem. Os autores inferem que a integração entre disciplinas permite que as fronteiras entre elas se tornem invisíveis e que a complexidade do objeto de estudo ocupe lugar de importância. Nesse sentido, o patrimônio, a educação e a interdisciplinaridade são os principais alicerces do projeto “Arqueólogo por um dia”.

A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO

Um pensamento recorrente na esfera educacional entende que, por meio da renovação dos métodos de ensino, pode-se tornar a educação uma ferramenta transformadora da realidade social na qual está integrada. Nesse contexto, a educação adquire importância na condução da construção social de noções como cidadania, autonomia, criticidade e na qual o aluno/cidadão torna-se o principal instrumento de modificação social. A educação compreende ações voltadas para a percepção das individualidades, constituindo um instrumento de emancipação intelectual e, conseqüentemente, de autonomia social.

Sendo assim, pode-se deduzir que o projeto é uma proposta que, ademais de preocupar-se com o conhecimento arqueológico e histórico das sociedades pretéritas, adquire sentido político ao fomentar o exercício reflexivo acerca da realidade social e o desejo de mudança na sociedade atual. Segundo Campos (2007), a estrutura escolar enfrenta dificuldades em função de sua banalização e de suas estruturas enrijecidas. Como ponto de partida, necessita ampliar suas percepções. Seguindo essa premissa, o projeto se fundamenta em teorias pós-estruturalistas da educação, da pedagogia crítica e dos principais debates em torno da importância do conhecimento para a atuação social.

Na tentativa de justificar a necessidade de ações educativas ligadas ao Patrimônio Histórico-cultural e ao Patrimônio Ambiental, Pacheco (2010) busca alicerces no método

educativo de Paulo Freire, pois segundo este autor, a Educação, seja ela dentro ou fora da sala de aula, é um constante processo de comunicação e diálogo, transformando a transmissão do conhecimento em uma dialética entre educandos, educadores e o meio. Dessa forma, é somente por meio da politização, do desenvolvimento crítico/criativo, do pertencimento, que podemos nos tornar seres “conscientes”. Para que esta “conscientização” ocorra, é necessário que os indivíduos aprendam a ler o mundo que os rodeia, compreender o seu contexto e sua história. Com base nessa teorização, a educação ambiental aliada à educação patrimonial se torna ferramenta potente ao auxiliar no processo de conscientização, conservação e preservação dos patrimônios culturais e ambientais.

Uma das problematizações mais frequentes entre os pesquisadores da Educação refere-se às competências necessárias para a prática do professor. Inevitavelmente, essa interrogação alcança as práticas do projeto “Arqueólogo por um dia”, uma vez que a dimensão da prática docente ultrapassa a elaboração de um plano de trabalho, residindo seu maior desafio em dois sentidos. O primeiro está relacionado à articulação entre o ensino e a pesquisa, fator central do projeto. O segundo associa-se à complexidade social demonstrada no espaço escolar, que representa terreno fértil para a aplicação de um projeto de dimensões voltadas a pensar sobre a realidade social, a diversidade cultural e a importância dos indivíduos enquanto agentes de modificação.

Tendo o projeto um caráter pedagógico e voltado ao público escolar, não pode se desvincular das discussões em torno da docência. Caimi (2006) indica as principais preocupações a serem atendidas pelos professores no âmbito de sua formação docente. Entre elas, estão a capacidade de investigar os problemas que se colocam no cotidiano escolar, mobilizar conhecimentos, recursos e procedimentos para a sua superação; avaliar e adequar as próprias escolhas e reorientar a ação para intervenções mais qualificadas no processo de aprendizagem dos alunos. Em que pese o exercício ou não das principais competências exigidas ao professor, fica evidente que a tarefa docente é multifacetada e desafiante, e a existência do projeto discutido justifica-se nesse sentido como uma tentativa de contribuir enquanto suporte de qualificação do processo de ensino e aprendizagem, apresentando outra forma pedagógica de abordar a própria realidade escolar em si.

Nesse panorama, ainda há a exigência de uma educação que se constitua verdadeiramente democrática, entendida como direito público e não como mera forma de controle e reprodução do Estado. Dessa forma, o projeto tem impacto central, por meio de

seus métodos e do conhecimento que mobiliza, ao estimular a constituição de um espaço escolar e social que abarque a diversidade e as subjetividades colocadas, proporcionando a construção de aprendizagens voltadas ao conhecimento, ao exercício da cidadania e da construção de uma identidade individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do projeto atesta as transformações e adaptações necessárias, ao longo de sua história, para melhor atender as escolas e estudantes e qualificar a ação e os resultados pretendidos. Assim, algumas reflexões são pertinentes na medida em que é objeto de investigação.

Do ano de 2001 a 2014, o projeto atingiu mais de 5.500 alunos em 75 escolas de 37 municípios do Rio Grande do Sul. Os dados indicam um crescente aumento anual no número de municípios que são atendidos pela ação de Educação Patrimonial. A ação, divulgada entre as escolas e professores, possibilita aos docentes das disciplinas de História explorar os principais temas abordados pelo projeto, antes e depois das práticas da Educação Patrimonial.

Tendo como objetivos a conscientização da diversidade cultural regional, o conhecimento acerca das noções de pertencimento e de cidadania em um contexto cultural e natural coletivo e a valorização e preservação dos patrimônios locais, os resultados certamente não são quantificáveis, porém, são perceptíveis em longo prazo.

O projeto estimula a difusão do conhecimento construído para além do espaço acadêmico, possibilitando um retorno das pesquisas para região e a ação educativa ultrapassa os limites escolares, atingindo as famílias e comunidades de residência dos estudantes, fato que impacta positivamente nos resultados esperados e alcançados.

Por outro lado, as práticas da Educação Patrimonial refletem na esfera acadêmica, especificamente nas pesquisas de campo, na identificação de sítios arqueológicos e no contato entre a equipe e as comunidades que residem nessas áreas de interesse científico e que demonstram conhecimento prévio sobre as temáticas arqueológicas e históricas da região.

Frequentemente a Educação Patrimonial é vista, sobretudo pelos agentes escolares, como mera “atividade diferente” que tem como propósito suprir dificuldades nas atividades escolares. Entretanto, o projeto parte do pressuposto de que as questões que envolvem o patrimônio anseiam por uma atenção especial da comunidade escolar, científica e em geral, uma vez que envolve a responsabilidade social e que ultrapassa os limites escolares e acadêmicos.

Mesmo com os esforços da Educação Patrimonial, é preciso considerar que a busca por novas ferramentas pedagógicas e didáticas não deve ser interrompida. Este é um ponto importante para qual o projeto não disponibiliza carga horária suficiente para sua realização, orientando-se nas escolas a continuidade de trabalho com a temática após o término de aplicação do projeto. Aliado a essa questão, observou-se que algumas instituições escolares têm buscado anualmente a aplicação do projeto como meio de complementar o ensino promovido pelos professores nas temáticas de Arqueologia e Pré-História. Nestas instituições, percebe-se a recorrente valorização do projeto, visto que os professores procuram dar continuidade ao processo de construção desse conhecimento relativo ao patrimônio.

Com base nos relatórios desenvolvidos pelos estudantes ao final das atividades de Educação Patrimonial, o projeto encontra dificuldade em medir com exatidão os dados resultantes de sua atuação, mas possui aparato importante para tecer considerações sobre o seu impacto enquanto projeto de extensão da UNIVATES.

Um primeiro ponto a considerar é o destaque que a ação atribui sobre a diversidade cultural do Estado do Rio Grande do Sul e da região do Vale do Taquari e, por consequência, da problematização de paradigmas e preconceitos vigentes em relação às minorias étnicas brasileiras. Um segundo ponto refere-se à desconstrução do entendimento midiático da Arqueologia, oportunamente divulgada de forma fantasiosa, voltada para a busca de relíquias e tesouros. Um terceiro ponto, para o qual o projeto tem se direcionado é fomentar o interesse dos estudantes e das comunidades sobre os patrimônios que dizem respeito às suas origens históricas, possibilitando um olhar mais crítico em relação ao presente e às políticas públicas voltadas a essa esfera.

Um quarto ponto que merece atenção, diz respeito às relações entre a Educação Patrimonial e a Educação Ambiental, focos principais de reflexão deste artigo. O conhecimento das interações das populações pré-coloniais e pós-coloniais com o ambiente natural e o contraste com as formas atuais de permanência dessas relações possibilitam

não somente conhecer as populações antigas, como refletir sobre a sociedade atual quanto à sua relação com o espaço em que vive.

Por fim, as relações da Educação Patrimonial e da Educação Ambiental presentes no projeto “Arqueólogo por um dia” representam a preocupação com um processo educativo em que a sensibilidade, a consciência e a cidadania sejam os pilares necessários para a conservação dos bens culturais e naturais e para compreender as construções e transformações humanas e ambientais no processo de ocupação humana.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, T. G. S.; CALDEIRA, A. M. A.; CALUZI, J. J.; NARDI, R. Interdisciplinaridade: concepções de professores da área de ciências da natureza em formação em serviço. **Revista Ciência & Educação**, v. 10, n. 2, p. 277-189, 2004.

BDR. Bando de Dados Regional. **Perfil do Vale do Taquari**. Disponível em: <<http://www.UNIVATES.br>>. Acesso em 08 jan. 2017.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, J. T. de. Paulo Freire e as novas tendências da Educação. **Revista e Currículum**, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2007.

CASTRO, C. **A importância da Educação Patrimonial para o desenvolvimento do turismo cultural**. 2017. Caxias do Sul. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/qt5-a-importancia.pdf>>. Acesso em 19 mai. 2017.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2001.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELGADO, A. F.; OLIVEIRA, I. L. B. C. Educação Patrimonial como experiência interdisciplinar: patrimônio e memória na cidade de Goiás. **Revista Solta a Voz**, v.19, n. 2, 2008.

ETGES, N. J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, A.; BIANCHETTI, L. (Orgs). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

JORGE, V. O. **Arqueologia, patrimônio e cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MAGOZO, H. M. C. Subjetividade no processo educativo: contribuições da psicologia à educação ambiental. PHILIPPI JR, A.; PELICIONI, M. C. F. (Orgs.). **Educação ambiental e sustentabilidade**. São Paulo: Manole. 2005.

PACHECO, I. A. **Arqueologia e Patrimônio**: contribuições para uma educação ambiental/patrimonial em Mato Grosso do Sul. Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

PÁDUA, J. A. As bases teóricas da História Ambiental. In: **Estudos Avançados**. V. 24 n. 68, 2010, p. 81-101.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. O Programa Arqueológico do Rodoanel Metropolitano de São Paulo - Trecho Oeste: ciência, preservação e sustentabilidade social. In: MORI, V. H.; SOUZA, M. C. de; BASTOS, R. L.; GALLO, H. **Patrimônio**: atualizando o debate. São Paulo: 9ª SR-IPHAN, 2006.